

OS GATILHOS DISPARADORES DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – QUANDO E COMO ACONTECEM

Maddalena Chianello

UERJ – Rio de Janeiro

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcio Francisco Teixeira de Oliveira.

CONTATO Ichianello@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo uma análise dialética sobre o estudo empírico dos gatilhos disparadores da violência dentro das escolas, procurando compreender as causas que promovem esse fenômeno e como este interfere no processo de ensino e aprendizagem. A questão da violência nas escolas passa pelo conceito de violência em si e pela análise da instituição escola e do comportamento das famílias contemporâneas. Partindo do conceito de violência, este artigo tem como objetivo apontar pistas para uma discussão específica sobre os movimentos sociais e culturais que estamos vivendo e que estão levando a violência para dentro das escolas, sendo um deles o uso das redes sociais. Utilizaremos como auxílio para esta reflexão algumas publicações de jornais, em site de pesquisa da internet, somada a uma entrevista aberta, feita à coordenadora pedagógica de uma escola de nível fundamental, da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender como pensam os sujeitos que compõe os atores da escola. Neste artigo se buscará entender a violência enquanto fenômeno, promovido por estes atores, identificar as diferentes faces da violência e como e porque ela vem se apresentando com maior frequência. A metodologia utilizada para os estudos foi baseada em pesquisas bibliográficas, pesquisas na internet e visita a uma escola da rede pública da cidade do rio de janeiro, no sentido de eleger um referencial teórico que propiciasse uma visão qualificada sobre a temática. Ao fazer essa reflexão constata-se a complexidade dos fatos, estes atingem diretamente os valores culturais e morais da sociedade provenientes de problemas familiares e/ou sociais. Como solução o caminho apontado está no diálogo e prevenção em casa e na escola, com o apoio de profissionais capacitados.

PALAVRAS-CHAVE: Violência nas escolas, violência, bullying, escola, comportamento.

1- INTRODUÇÃO

Quase que diariamente temos o tema violência na escola, explorado pela imprensa, evidenciando uma dura realidade vivida pela sociedade da era da informação, onde a informação é potencializada pelos aparelhos tecnológicos e mediada pelas redes sociais. Temos uma situação alarmante e perigosa, pois a violência vivida hoje, não é uma simples troca de ofensas verbais, ela ultrapassa limites, ela chega às vias de agressões físicas violentas, incluindo o uso de armas, brancas ou não. O que temos hoje é uma incompleta intolerância e ausência de políticas públicas e incentivo humanitários.

A questão da violência nas escolas passa pelo conceito de violência e pela análise da instituição escola. O conceito de violência, segundo o dicionário informal, diz que é o exercício desproporcional do poder ou força que se sobrepõem ao princípio da integridade (física, emocional, moral, religiosa, étnica, laboral, familiar, doméstica, empresarial, etc.). A **violência** causa danos físicos e emocionais nem sempre visíveis.¹

O conceito de violência na escolar, segundo o professor de Ciências da Educação, o especialista Bernard Charlot, classifica-se em três níveis: violência (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual), incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e violência simbólica ou institucional compreendida, entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos, e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores. Nosso objetivo é voltarmos para o conceito de violência e posteriormente apontar pistas para uma discussão específica sobre a violência escolar.

Na última década a violência nas escolas tem preocupado o poder público e toda sociedade, principalmente, pela forma como esta tem se configurado. Diante da crescente violência nas escolas, estudiosos das disciplinas da educação e áreas afins, vêm se preocupando em compreender o que leva a violência para dentro das escolas e como combatê-la.

Neste estudo vou me deter somente a Cidade do Rio de Janeiro, por já ter tido experiência e vivência em sala de aula como professora no CIEP Presidente Salvador Allende, em Vila Isabel, dentro de uma comunidade carioca.

1- METODOLOGIA

Para os estudos deste artigo, utilizei os métodos dialético e empírico, onde a partir de uma abordagem dialética, optei pelo procedimento de estudo de caso específico. As ferramentas utilizadas para a produção deste estudo foram: Pesquisa bibliográfica; Pesquisa na internet; Questionário investigativo, respondido por uma coordenadora pedagógica de escola da rede pública do Rio de Janeiro-RJ.

3- RESULTADOS

3.1- O CONCEITO DE VIOLÊNCIA

O conceito de violência, segundo o dicionário informal, diz que é o exercício desproporcional do poder ou força que se sobrepõem ao princípio da integridade (física, emocional, moral, religiosa, étnica, laboral, familiar, doméstica, empresarial, etc.). A **violência** causa danos físicos e emocionais nem sempre visíveis.¹

O conceito de violência escolar, segundo o professor de Ciências da Educação, o especialista Bernard Charlot, classifica-se em três níveis:

- Violência: que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual;
- Incivildades: humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito;
- Violência simbólica ou institucional: compreendida, entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos, e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores.²

Também temos como conceito de violência:

- Violência estrutural: esse tipo de violência tem a ver com as formas sistemáticas de negação da cidadania a indivíduos e grupos determinados de cidadãos, baseadas principalmente na discriminação social contra os “diferentes”. São obstáculos institucionais que impedem ou dificultam a realização das potencialidades humanas dos discriminados, sobretudo nas áreas da educação, do emprego e da saúde.

- Violência física: esse tipo de violência é facilmente perceptível, pela facilidade de visualização e por sua materialidade, uma vez que implica atuação sobre uma realidade corpórea. A reação da sociedade diante dela é quase sempre contrária, provocando até mesmo diversos tipos de mobilização. Percebe-se, no entanto, que por causa do crescimento desse tipo de violência, muitas pessoas já a vêem sob o critério da normalidade e reagem com indiferença diante de determinados casos, sem perceber a necessidade de sua superação.

- Violência simbólica: esse tipo de violência é menos perceptível no meio social, mas nem por isso seus efeitos são menos nocivos. A ação acontece por coação através da força de símbolos, situações, constrangimento, ameaças; pela exploração de fatos ou de situações; pela negação de informações ou de um bem de necessidade imediata ou irrevogável; por chantagens e pela cultura do medo, entre outras formas. Pela humilhação! (Texto Base 2008, p.48).

- Bullying:³ não envolve necessariamente criminalidade ou violência física. Frequentemente funciona através de intimidação e humilhação psicológica ou verbal. Os *bullies* (ou valentões) usam de meios violentos para atormentar os outros. Abaixo, alguns exemplos das técnicas de *bullying*:

- Insultar a vítima com o objetivo de ridicularizá-la;
- Ataques repetidos contra o corpo sem grandes consequências físicas;
- Ataques contra a propriedade pessoal como livros, roupas, etc;
- Espalhar rumores negativos sobre a vítima (fofoca);
- Depreciar a vítima sem qualquer motivo;
- Fazer com que a vítima faça o que ela não quer através de ameaças;
- Colocar a vítima em situação problemática com alguém (geralmente, uma autoridade), ou conseguir uma ação disciplinar contra a vítima, por algo que ela não cometeu ou que foi exagerado pelo *bully*;
- Fazer comentários depreciativos sobre a família da vítima, sobre o seu local de moradia, sobre sua aparência pessoal, orientação sexual, religião, etnia, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra;

- Isolamento social da vítima;
 - Usar as tecnologias de informação para praticar o *cyberbullying* como por exemplo criar páginas falsas sobre a vítima em *sites* de relacionamento, de publicação de fotos, etc;
 - Chantagem;
 - Expressões ameaçadoras;
 - Grafitagem depreciativa;
 - Usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo (para alguém de fora) enquanto assegura o controle e a posição em relação à vítima (isto ocorre com frequência logo após o *bully* avaliar que a pessoa é uma "vítima perfeita").
- O *Bullying* escolar: ocorre, geralmente, em áreas com supervisão adulta mínima ou inexistente. Ele pode acontecer em praticamente qualquer parte, dentro ou fora do prédio da escola.

ARTIGO BULLYING ESCOLAR E EDUCAÇÃO
Manoel de Oliveira Idalgo
UEL – Londrina

O fenômeno da violência é um problema para os indivíduos e sociedades de modo geral. O tema sofre em muito a influência da mídia. Em alguns lugares assumiu, realmente, a proporção de calamidade. As respostas a este fenômeno têm se mostrado múltiplas e diversas, abrangendo uma gama de medidas, nos mais diversos níveis: individual, comunitário e governamental. As pessoas se armam e cercam as casas, as comunidades fazem passeatas pedindo paz e o governo procura políticas públicas para coibir atos de violência. O tema da segurança é incluído na agenda do dia de muitos organismos e grupos. Porém, poucas iniciativas procuram ver a violência como um fenômeno social “criado” pelo tipo de sociedade existente. A violência é vista, na maioria das vezes, como algo natural que deve ser controlado; e o valentão é visto como alguém que deve ser punido individualmente.

Segundo comentários de Waléria Fortes de Oliveira e Marcelo Rezende Guimarães a respeito de estudo sobre violência e juventude no Brasil,

As análises sociais divulgada pelos meios de comunicação Têm privilegiado a adolescência e a juventude como momento De produção da violência, como agressora, destacando seu Envolvimento com a delinquência e a criminalidade, com os tráficos de drogas e armas, com as torcidas organizadas, com os espetáculos musicais nas periferias das grandes metrópoles (Oliveira & Guimarães 2009,p.3).

Nota-se que geralmente a violência é analisada de maneira individualizada, mas pensamos que deve-se ver a adolescência e a juventude não somente como produtoras da violência, mas como vítimas de um sistema social que produz pessoas violentas. Principalmente quando se estuda a violência juvenil ela aparece como um problema ligado à educação, percebido tanto em relação à escola quanto à cultura. Não há consenso entre os pesquisadores quanto as causas que produzem a violência nem mesmo quanto ao fenômeno em si. Isto confirma o pensamento de Arendt, na obra *A Condição Humana* (1987), de que os problemas da violência ainda permanecem obscuros.

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política Pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. Na última edição da Enciclopédia de Ciências Sociais, a "violência" nem sequer merece menção. Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que viram apenas violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram, sempre fortuitos, nem sérios nem precisos" (Renan), ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. Quem quer que tenha procurado alguma forma de sentido nos registros do passado viu-se quase que obrigado a enxergar a violência como um fenômeno marginal (Arendt 1987, p. 16).

Segundo Mário Volpi, filósofo e mestre em políticas sociais, em entrevista dada à Folha de Londrina (25/11/2009, figura 3), quem produz a pessoa violenta é a própria sociedade. O adolescente deve ser considerado mais como vítima do que responsável direto pela violência.

O pensamento de Mário Volpi esclarece que a violência praticada pelos adolescentes revela falha no sistema educacional (nas escolas), na família e

nas políticas públicas. A família desestruturada, como já alertara um dos adolescentes entrevistados, colabora para que uma atitude violenta se manifeste. A pouca ação de professores e da direção das escolas para coibir ofensas e provocações entre os alunos e até entre alunos e professores, também ajuda para o aumento do *bullying* escolar. A falta de políticas públicas e programas educativos manifestam a mesma tendência.

A questão da punição não deve ser o pensamento primário, pois em países como os Estados Unidos, onde há mais repressão e intolerância como prisão perpétua para adolescentes infratores, há índice muito maior de violência entre os adolescentes. Não é o medo da punição que vai fazer diminuir o índice de violência, mas uma ação conjunta com todos os setores da sociedade.

A violência nas escolas, que nos interessa de modo particular, diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, brigas e xingamentos no universo escolar. Claro que muitos fatores dependem de situações externas, cujas intervenções estão além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para muitas situações, a solução possível pode ser obtida no próprio âmbito escolar.

Uma das primeiras questões a serem levantadas sobre o assunto é o discurso, pois todo discurso tem embasamento teórico e ideológico e procura satisfazer determinados interesses. Ao analisar um discurso deve se identificar quem o faz, seus fundamentos teóricos, a intenção e os objetivos nele contidos. Não existe discurso ingênuo. Por isso quando Hannah Arendt fala da banalização do conceito de violência, certamente está se referindo à falta de aprofundamento sobre os discursos sobre a violência. Notou isso um de nossos entrevistados:

A TV quer somente mostrar cenas sensacionalistas sem Questionar sobre as causas, muitas vezes relaciona a violência com certos grupos específicos ou com “lugares violentos”. A mídia esconde a verdade dos fatos porque não interessa a ela colocar o “dedo na ferida”, ou apontar os verdadeiros culpados. Programas policiais, de tanto mostrar cenas de violência, banalizam e transformam fatos em coisas normais, do dia a dia (entrevista).

O discurso que a mídia faz sobre a violência, muitas vezes, é carregado de preconceitos. Facilmente associa-se violência com pobreza, o que gera grandes injustiças na avaliação das pessoas. Por causa disso, milhares de moradores de certos bairros das grandes cidades sequer ousam apresentar o próprio endereço quando encaminham currículos às empresas. O simples fato de morar em certas regiões já é o suficiente para estigmatizá-los, como se fossem todos delinquentes. Além disso, várias cenas de violência gratuitas têm sido divulgadas pela mídia, tendo como infratores jovens de famílias abastadas. A violência pode ser uma reação de uma pessoa que não se sente acolhida pelo ambiente em que se encontra, seja por sua exclusão sistemática das condições mínimas para uma vida digna, seja por relações pessoais inadequadas e/ou violentas. Assim, pode haver pessoas violentas em qualquer lugar do tecido social.

Mais importante do que somente constatar a presença da violência nas escolas é procurar meios educativos para inibir tais gestos. Devemos enfrentar esse problema de todas as formas. As ações para combate à violência devem levar em conta a divisão apresentada pelo Texto Base 2009 da CNBB que classifica a violência em três tipos: estrutural, física e simbólica. Cada tipo de violência exige um tipo de abordagem, assim como diferentes encaminhamentos e critérios para sua superação.

3.2- ÍNDECES DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Em 2011, segundo dados do Ministério da Educação, quase 4,2 mil professores de português e matemática da 5.^a e da 9.^a séries da rede pública e privada de ensino fundamental contaram ter sido agredidos fisicamente por alunos dentro das salas de aula, nos corredores ou na saída dos colégios. O número representa 1,9% dos 225 mil docentes que responderam a um questionário anexado à última Prova Brasil. Trata-se de um exame aplicado a cada dois anos nas escolas públicas urbanas pelo Ministério da Educação.

A Prova Brasil faz parte do Sistema Nacional de Avaliação do Rendimento Escolar e seus resultados entram no cálculo do Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Na Prova Brasil de 2007, 6,6 mil professores afirmaram ter sido agredidos por aluno e outros 1,9 mil testemunharam estudantes portando armas de fogo dentro das escolas. Na Prova Brasil de 2011, mais de 9 mil docentes informaram ter visto estudantes portando facas e canivetes em sala de aula. Pelas estatísticas do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), as agressões aos docentes estão crescendo cerca de 20% por semestre. Entre 2008 e 2011, a entidade recebeu 157 denúncias de agressão, roubo, vandalismo e ameaças de morte em escolas paulistas.

Em todo o País, colégios públicos e privados estão oferecendo cursos de conciliação, de mediação e de justiça restaurativa para alunos e professores. Também investem na formação de pedagogos e dirigentes escolares preparados para fomentar o diálogo e aproximar os professores do universo social e cultural dos alunos. No Rio de Janeiro, professores de 150 escolas entre elas os melhores colégios particulares do Estado, como o Teresiano e o São Bento participaram de cursos oferecidos pelo Tribunal de Justiça. Para a responsável pelos cursos, desembargadora Leila Mariano, a sentença judicial não basta para atenuar a violência escolar. "Na escola, as relações são continuadas. A professora e o aluno que brigam estão ali no dia seguinte. Se a gente não resolver o problema emocional deles, a questão não vai parar aí", afirma.

Essas medidas, contudo, têm se revelado insuficientes para coibir a agressividade dos alunos e conter a escalada da violência nas escolas. "A violência física é a ponta de um iceberg de outras violências que acontecem e não são tratadas. Ninguém dá um soco do nada. Começa com olhares, xingamentos e empurrões", diz o pesquisador Renato Alves, do Núcleo de Estudos da Violência da USP, depois de lembrar que as escolas já não se preocupam mais em estimular o bom relacionamento, como no passado. O problema estaria na ênfase excessiva no vestibular, que privilegiou o individualismo em detrimento do estímulo à convivência. "Temos uma educação do século 19 para alunos do século 21, com uma linguagem que não chega aos jovens", afirma Miriam Abramovay, da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais.

No ensino fundamental, a violência escolar tornou-se um problema tão grave quanto o da má qualidade da educação. E não é só por meio da oferta de cursinhos de mediação que ele será equacionado.

O aumento da violência escolar - O Estadão

→ <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-aumento-da-violencia-escolar-imp-1001569>. 26 Fevereiro 2013 | 02h 07. Acessado em 11 de Outubro de 2015 à 13:11HS..

3.3- O TRINÔMIO ALUNO-FAMÍLIA-ESCOLA

Existem vários fatores que levam a um comportamento violento, tais como o meio social, os problemas familiares, internos e externos, a influência da mídia, etc. Nosso objetivo não é esclarecer todos os gatilhos que levam à violência escolar, mas percebemos que a própria estrutura escolar muitas vezes facilita tal comportamento. Quando foi perguntado o que o colégio poderia fazer para amenizar o problema da violência, percebeu-se que algumas coisas práticas ajudariam na prevenção da violência:

Acho que alguns professores deveriam ser mais enérgicos com os valentões, isso desde a primeira vez que ele mostra-se agressivo. A própria escola deveria ter pessoas preparadas para tratar dessa questão. Também deveria ter programas de prevenção. Quando se descobre que alguém é assim, torna-se necessário que aja um acompanhamento especial. O problema não é de fácil solução, mas deveria haver mais preocupações com essa questão, desde o ensino fundamental. Todos os professores e toda a direção da escola têm que se unir para evitar o pior (entrevista).

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996:95) reforça que: "a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas". Durante meu pouco tempo de vivência no CIEP carioca, foram 4 meses apenas, mas foi o bastante para verificar a ausência de afeto vivido por aquelas crianças, uma carência extrema de afeto que chega a comover.

A Família: Pude notar que existe um completo abandono afetivo e material para com as crianças, a começar por parte das famílias, passando

pela própria escola, onde encontrei professores e toda equipe administrativa exausta, cansada e desesperançosa e chegando ao governo, que pouco oferece recursos necessários mínimos para o bom funcionamento das escolas.

Tal situação é muito preocupante, pois o que pude concluir é que existe uma total ausência de esperança por parte da administração da escola e seus professores para que as coisas mudem e na contramão um total abandono dos órgãos públicos, demonstrando que a situação vai de mal a pior e com tendências a uma piora, pois a força de trabalho das escolas está enfraquecida e desvitalizada.

A Escola: A violência no ambiente escolar pode estar relacionada de um lado com os comportamentos dos professores: falta de relacionamento com os alunos, dificuldades em lidar com estudantes de camadas sociais diferentes, despreocupação ou falta de conhecimento no transmitir a utilidade daquilo que ensina. Por outro lado está diretamente relacionada à indisciplina do aluno ligada a fatores diversos.

O professor deve criar um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus alunos. Mediante o contexto atual, verifica-se um grande processo conturbado, no âmbito político, cultural, social e educacional.

No relacionamento professor-aluno, sempre há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor estando no lugar de quem deve ensinar, de transmitir conhecimentos, também aprende com a realidade de cada aluno; e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos, também ensina e aprende, mesmo sem intencionalidade.

O tradicionalismo ainda se faz presente nas escolas, quando se trata de relação professor-aluno. O autoritarismo está ali arraigado no educador que para não enfrentar o “novo” prefere se prender no que talvez para ele seja mais fácil e melhor de dominar: o grito, o abafar da voz do aluno, as determinações impostas como rigidez.

No entanto, nem tudo está definido, há expectativas que permeiam um novo modo de ser, de agir, de se relacionar no que diz respeito ao processo de aprendizagem no qual se tem visto, que a partir do momento que o educador passa a se relacionar com seu educando, num compromisso de ajuda, cumplicidade e que ambos através da consciência crítica e da reflexão,

adquirem autonomia para agir, questionar e até mesmo interferir no âmbito escolar, inserindo sugestões que contribuam para o desenvolvimento de um trabalho mais consistente.

Momentos de desencontros, desacertos, mas que emergem sinais de vida, ou seja, esperança de mudanças sociais e educacionais, que, ao serem destacadas observa-se à necessidade de se fazer reflexões sobre o verdadeiro compromisso pôr parte do educador no relacionamento e aprendizado com o aluno, uma vez que ao assumir seu papel, deve fazê-lo com responsabilidade.

O Aluno: Nota-se que a vontade de intimidar o outro é o desejo de aparecer. O *bullie* quer projeção perante a sala e sempre tem uma turminha que o apoia. Ele busca uma liderança pela força, pela intimidação. Tem sempre um pretexto para atacar o outro com palavras ofensivas. Outra constância que caracteriza esta atitude como *bullying* é o fato de serem escolhidas alguns colegas como alvo das provocações. Geralmente é aquele que ameaça a liderança do valentão ou possui características que o incomodam. Um dos entrevistados citou três motivos dessas provocações:

O que leva uma pessoa a ser violenta é a inveja da outra, o se sentir incapaz de ser melhor e a vontade de se impor perante os outros. A pessoa não quer que o outro tenha o prestígio que tem, isso incomoda, por isso fica “zoando” e querendo intimidar a pessoa para se sentir superior. No fundo quem faz isso é porque se sente incapaz de competir com o outro de igual para igual, quer mostrar que é melhor no grito. Ele pensa que o mais valentão tem mais respeito e prestígio. Eu não concordo, acho que ser valentão é não estar bem consigo mesmo, é uma forma de demonstrar seu descontentamento consigo mesmo (entrevista).

Não se deveria esperar que a escola, além de ensinar os conteúdos programáticos exigidos pelo Ministério da Educação, tenha também que ter a função educativa que compete aos pais. Em meio a tudo isto, a verdade é que a violência continua a existir e a registrar-se cada vez mais na população jovem.

Em uma sociedade democrática, todos somos responsáveis pelas consequências educativas das nossas ações. Terá que haver um esforço financeiro governamental, não só econômico, mas também ao nível de recursos humanos, para que programas de combate à violência e exclusão social sejam realmente concretizados e obtenham bons resultados. Não

podemos deixar que as crianças se transformem em futuros inadaptados ou marginais, só porque não tiveram referências positivas na infância e porque as diversas entidades educativas se foram “esquecendo” que elas também necessitam de carinho, de afeto, que também são seres humanos como todas as outras crianças. Pais, sociedade, autoridades governamentais é preciso agir, e rápido, caso contrário o caos total vai dominar a Escola Pública Brasileira.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online : Mais de 1000 cursos online com certificado
<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/36867/a-violencia-nas-escolas-publicas#ixzz3nvqIA9fw>

3.4- OS GATILHOS DISPARADORES DA VIOLÊNCIA

O quê está gerando tanta violência? **Rousseau** afirmava que os homens não nascem naturalmente maus, a sociedade é que os transforma. De fato, nenhum ser humano nasce violento, ou criminoso, o seu destino não está traçado após a nascença. Os seus comportamentos são fruto do ambiente que são expostos.

Numa sociedade tecnológica, consumista e competitiva, que valoriza a aquisição de bens de qualquer forma, que só dá oportunidades para os que já possuem algo, o comportamento desses jovens poderá ser considerado como adaptativo. Porém, não adianta tratar um sintoma sem primeiramente investigar a sua causa. É muito fácil rotular os atores de violência de desequilibrados, de maus, de desestruturados e não fazer nada para alterar estes comportamentos.

A violência pode ser uma reação de uma pessoa que não se sente acolhida pelo ambiente em que se encontra, seja por sua exclusão sistemática das condições mínimas para uma vida digna, seja por relações pessoais inadequadas e/ou violentas. Assim, pode haver pessoas violentas em qualquer lugar do tecido social.

Também podemos considerar a ausência dos pais um fator muito importante para que a violência se instale. Em uma sociedade que vem sofrendo significativas transformações devido às exigências da vida contemporânea, os pais não têm muito tempo disponível para ficarem com as

crianças, que vão muito cedo para creches, ou então os deixam com terceiros para poderem ir trabalhar. Quando retornam à casa estão exaustos, depois de um dia de trabalho, e ainda têm os afazeres domésticas ou trazem trabalho para casa, assim a criança acabam sozinhas na frente da TV ou vão brincar sem um adulto que lhe dê atenção.

A relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, ou seja, na alimentação, na higiene e no descanso. Desde cedo que as novas tecnologias imediatamente as seduzem e permitem a aquisição de novos saberes. O seu conhecimento vai progredindo através das informações que recebe do meio onde se insere, do meio familiar, dos colegas, da escola, dos meios audiovisuais. Resultado disso é que a família vem delegando o papel de educador para a escola, dado que é no contexto educativo que as crianças passam a maior parte do dia. Todavia, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento da criança tais como: a democracia, as regras para a sã convivência, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal, etc.

Essa questão das motivações do *bullying* escolar obteve outras respostas. Um dos alunos citou o problema da formação na família, dizendo:

Uma família desestruturada cria pessoas violentas. Quando, na família, se convive com violência entre os pais e irmãos, problema de alcoolismo, dificuldades financeiras, e outros problemas, a pessoa aprende a ser violenta (entrevista).

Outras motivações citadas foram o meio social e a mídia. Um dos alunos citou a vizinhança, os colegas, o meio social que induz a pessoa para a violência. Outro citou os noticiários policiais sensacionalistas que mostram diariamente a violência presente:

Penso que uma criança que assiste todo dia cenas de violência vai achar normal ser violenta. Existe muito sensacionalismo nos programas policiais, parece que eles vivem da desgraça dos outros. Uma pessoa que vê isso, quando é ofendida, já parte para a ignorância. A TV ensina muitos a serem violentos (entrevista).

A grande questão é: O que está gerando tanta violência nas escolas? Seria o comportamento violento fruto do ambiente aos quais são expostos os sujeitos? Quais Políticas Públicas estão sendo vistas para minimizar o problema? Uma solução seria buscar meios de tornar a escola um lugar de convivência mais agradável.

Antes de perguntar por culpados e inocentes, trata-se de perguntar pelos referenciais teóricos usados pelos educadores que investigam e analisam a problemática da violência. Estes não podem, em suas análises, prescindir das contribuições de outras áreas de conhecimento, como a antropologia, a sociologia e a filosofia política, sob o risco de não entender este fenômeno na sua complexidade e amplitude.

Além disso, esses discursos sobre violência na educação procedem a mixagens semânticas, confundindo violência com poder e autoridade, não fazendo a distinção conceitual que Hannah utiliza para compreender estes fenômenos de forma diferenciada. Muitas das falas, nesta área, personificam e entificam a violência, com afirmações do tipo “a violência na educação está crescendo”, sem considerar suficientemente sua instrumentalidade.

É preciso perguntar em que medida os discursos e as análises trabalham, não apenas a violência expressa na educação, mas a violência produzida pela educação, ultrapassando o discurso descritivo sobre a violência (nos meios de comunicação, em sala de aula, na juventude, etc.) e abrindo espaço para uma crítica e autocrítica da própria educação como instrumento de violência.

3.5- OS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA E SUA REPERCUSSÃO NA EDUCAÇÃO

Temos como consequência da violência, além dos ferimentos físicos, as agressões geram depressão, síndrome do pânico e estresse pós-traumático nos professores. Para tentar coibir a violência escolar, as entidades sindicais do professorado criaram canais para receber denúncias. Entre 2011 e 2012, o Sindicato dos Professores de Minas Gerais recebeu uma denúncia de violência a cada três dias.

O aumento da violência nas escolas tem trazido diversos prejuízos para dentro das escolas, de ordem intelectual, dificultando a aprendizagem e de ordem psicológica, tanto para alunos como para professores, no caso do cyberbullying e agressões físicas que podem até comprometer a integridade física e psicológica dos sujeitos para o resto de suas vidas. Por isso, a importância de se pensar nos gatilhos disparadores da violência e como combatê-los.

Os elementos para análise da violência na educação passam pela reflexão sobre a violência de modo geral. É um instrumental de análise para a crítica da compreensão da violência na educação, fazendo-nos formular questões que deveriam ser consideradas como hipóteses para estudos posteriores.

Como é apresentado o tema da violência na educação? Alternativas: Como um mito, apresentado diante de casos sensacionalistas, ou como um problema a ser trabalhado pela educação, alvo de políticas públicas e objeto de estudo e reflexão? Com abordagem simplificada procurando „bode expiatório“ ou procurando entender que se trata de um fenômeno complexo? De forma parcial, destacando guetos de violência, ou percebendo como um fenômeno da sociedade como um todo?

3.6- A VIOLÊNCIA E A MÍDIA

Diariamente, a mídia através de jornais, revistas e televisão, explicitam o envolvimento de pessoas com a violência e, igualmente isto se dá onde eles mais convivem: a escola. São muitas as dificuldades encontradas nas reflexões acerca da violência.

O discurso que a mídia faz sobre a violência, muitas vezes, é carregado de preconceitos. Facilmente associa-se violência com pobreza, o que gera grandes injustiças na avaliação das pessoas. Por causa disso, milhares de moradores de certos bairros das grandes cidades sequer ousam apresentar o próprio endereço quando encaminham currículos às empresas. O simples fato de morar em certas regiões já é o suficiente para estigmatizá-los, como se fossem todos delinquentes. Além disso, várias cenas de violência gratuitas têm sido divulgadas pela mídia, tendo como infratores jovens de famílias

abastadas.

O tema sofre em muito a influência da mídia. Em alguns lugares assumiu, realmente, a proporção de calamidade. As respostas a este fenômeno têm se mostrado múltiplas e diversas, abrangendo uma gama de medidas, nos mais diversos níveis: individual, comunitário e governamental. As pessoas se armam e cercam as casas, as comunidades fazem passeatas pedindo paz e o governo procura políticas públicas para coibir atos de violência. O tema da segurança é incluído na agenda do dia de muitos organismos e grupos. Porém, poucas iniciativas procuram ver a violência como um fenômeno social “criado” pelo tipo de sociedade existente. A violência é vista, na maioria das vezes, como algo natural que deve ser controlado; e o valentão é visto como alguém que deve ser punido individualmente.

Segundo comentários de Waléria Fortes de Oliveira e Marcelo Rezende Guimarães a respeito de estudo sobre violência e juventude no Brasil,

As análises sociais divulgada pelos meios de comunicação
Têm privilegiado a adolescência e a juventude como
momento de produção da violência, como agressora,
destacando seu envolvimento com a delinquência e a
criminalidade, com os tráficos de drogas e armas, com
as torcidas organizadas, com os espetáculos musicais
nas periferias das grandes metrópoles (Oliveira &
Guimarães 2009, p.3).

Nota-se que geralmente a violência é analisada de maneira individualizada, mas pensamos que deve-se ver a adolescência e a juventude não somente como produtoras da violência, mas como vítimas de um sistema social que produz pessoas violentas. Principalmente quando se estuda a violência juvenil ela aparece como um problema ligado à educação, percebido tanto em relação à escola quanto à cultura. Não há consenso entre os pesquisadores quanto as causas que produzem a violência nem mesmo quanto ao fenômeno em si. Isto confirma o pensamento de Arendt, na obra *A Condição Humana* (1987), de que os problemas da violência ainda permanecem obscuros.

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política
Pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência

Sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial.

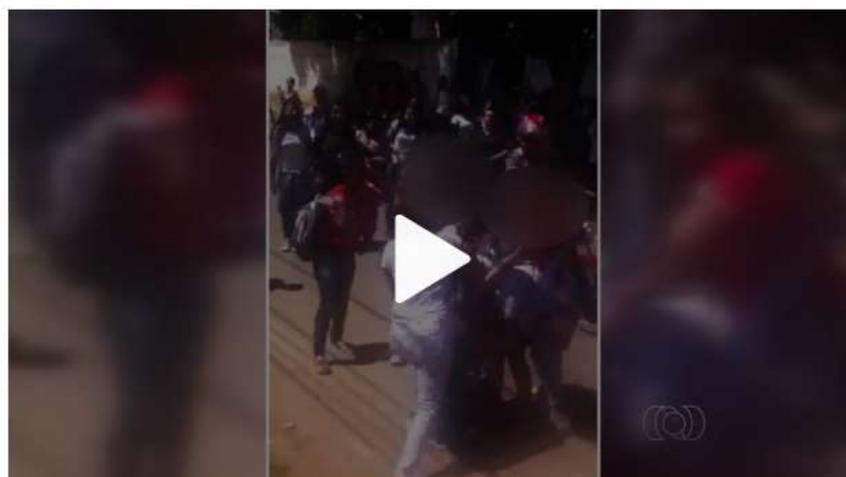


02/09/2015 21h51 - Atualizado em 02/09/2015 21h51

Alunas brigam na porta de escola em Cidade Ocidental, GO; veja vídeo

Vários estudantes acompanham confusão, mas não separam as duas. Diretoria diz que briga foi iniciada pelas web e que vai advertir garotas.

Do G1 GO



Duas alunas foram filmadas brigando nesta quarta-feira (2) na porta da Escola Estadual Olímpio Miranda, em **Cidade Ocidental**, município goiano do Entomo do Distrito Federal (**veja vídeo**). Imagens feitas por pessoas que estavam no local mostram elas trocando tapas e chutes.

É possível ver que vários outros estudantes acompanham a confusão, mas não interveem. A briga só acaba quando uma mulher chega e separa as duas garotas.

Segundo a diretoria do colégio, a discussão foi iniciada nas redes sociais. As alunas envolvidas já foram identificadas e serão advertidas. Além disso, elas também serão inseridas em um projeto de ressocialização escolar.

Fig. 1 – Alunas brigam na porta de escola em Cidade Ocidental, GO.

Terça-Feira, 25 de Agosto de 2015 às 08:45 - Atualizado em Quarta-Feira, 26 de Agosto de 15 às 9:27



ENVIE DENÚNCIAS, FOTOS, VÍDEOS: ☎ 69 9353-3037

Alunos filmam briga entre diretora e aluna em sala de aula - VÍDEO

O caso que foi filmado por um aluno e publicado em sites de rede social aconteceu na escola pública Jaime Barcessat no

município de Candeias do Jamary, interior de Rondônia, distante



cerca de 20 km de Porto Velho, quando a diretora da instituição de ensino foi até uma sala de aula e discutiu com uma aluna, menor de idade.

Segundo informações apuradas junto a uma inspetora da escola, a aluna teve um ataque nervoso e agrediu fisicamente a professora que estava ministrando aula. Após as agressões a professora pediu ajuda na direção e logo a diretora foi até a sala de aula conversar com a aluna.

Durante a conversa, os ânimos das envolvidas se exaltaram e logo a diretora empurrou a menor contra a parede e em seguida colocou a aluna para fora do local dizendo que iria chamar os pais dela.

Ainda de acordo com a inspetora, a menor, possivelmente é bipolar, e havia praticado o mesmo ato em escolas na região.

A diretora da instituição, a menor e familiares da menina estão no Conselho Tutelar da cidade, em busca de resolver a situação e buscar um tratamento para a aluna.

Fig.2 – Alunos filmam briga entre diretora e aluna em sala de aula.

O caso Jéssica e a mídia:

Já acabou, Jéssica?

Briga de escola transforma adolescente em musa da internet.

Vídeo de adolescentes se enfrentando tornou-se viral graças à pose de diva de uma das estudantes. O que vale é a pose.



Fig.3 – Pesquisa no Google sobre o caso Jéssica.

Uma adolescente moradora de Alto Jequitibá ficou famosa após o vídeo em que ela aparece ser compartilhado nas redes sociais, nesta segunda-feira, 16/11.

Tinha tudo para ser uma situação constrangedora, mas o efeito veio ao contrário: a jovem que apanha durante briga na saída da escola se levanta depois de receber vários golpes, encara a oponente que já se afasta e desafia: "Já acabou, Jéssica?". Derrotada no confronto, a adolescente mineira com pose de diva virou musa da internet — ainda que por um dia.

O registro de 15 segundos feito na cidade de Alto Jequitibá, espalhou-se em velocidade impressionante. Como não podia deixar de ser, o meme já ganhou várias versões, que vão de remixes a paródias de clipes.

A fanpage que leva o nome da cidade de Alto Jequitibá vem repercutindo e mostrando o vídeo e as postagens. Outros jovens que viram a briga confirmaram que se trata de uma confusão registrada na semana passada.

Manhuacu.com/com informações do Correio Brasiliense

SITE MANHACU:

Já acabou Jéssica? Adolescente de Alto Jequitibá fica famosa nas redes sociais.
http://www.manhuacu.com/artigo/ler/ja_acabou_jessica?_adolescente_de_alto_jequitiba_fica_famosa_nas_redes_sociais

A briga aconteceu em frente à Escola Estadual Reverendo Cícero Siqueira, em Alto Jequitibá, Minas Gerais, e teria sido iniciada por ciúme, já que uma das meninas estaria “dando em cima” do namorado da outra. O vídeo do embate foi disponibilizado na internet e rapidamente centenas de piadas surgiram.



Fig.4 – Charges de publicações sobre o caso Jéssica.

Tinha tudo para ser uma situação constrangedora, mas o efeito veio ao contrário: a jovem que apanha durante briga na saída da escola se levanta depois de receber vários golpes, encara a oponente que já se afasta e desafia: "Já acabou, Jéssica?". Derrotada no confronto, a adolescente mineira com pose de diva virou musa da internet — ainda que por um dia.

SITE DIVIRTA-SE:

[http://divirta-](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/mexerico/2015/11/16/noticia_mexerico,174131/ja-acabou-jessica-briga-de-escola-transforma-adolescente-em-meme.shtml)

[se.uai.com.br/app/noticia/mexerico/2015/11/16/noticia_mexerico,174131/ja-acabou-jessica-briga-de-escola-transforma-adolescente-em-meme.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/mexerico/2015/11/16/noticia_mexerico,174131/ja-acabou-jessica-briga-de-escola-transforma-adolescente-em-meme.shtml)



A professora Janice Schuab (centro) com as adolescentes Jéssica e Lara: tudo na paz

Fig.5 – Jéssica e Lara voltam a ser amigas.

Janice Schuab (uma professora das meninas — Jéssica e Lara, a estrela do vídeo) divulgou uma foto no Facebook em que posa com as duas garotas e ainda postou um texto. Nele, ela disse que as duas já deixaram as desavenças de lado e voltaram a ser amigas. Para o site *Uai*, a professora ainda disse que os jovens não devem tentar

repetir o vídeo apenas pela fama, pois é bem difícil que ele viralize da mesma forma.

SITE TECMUNDO.

Já acabou! Jéssica e amiga fazem as pazes e encerram o ciclo do meme
<http://www.tecmundo.com.br/memes/89674-acabou-jessica-amiga-pazes-encerram-ciclo-meme.htm>

4- CONCLUSÃO

Mais importante que constatar a presença da violência nas escolas é procurar meios educativos para inibir tais acontecimentos. Devemos enfrentar esse problema de todas as formas. As ações para combate à violência devem levar em conta a divisão apresentada pelo Texto Base 2009 da CNBB que classifica a violência em três tipos: estrutural, física e simbólica. Cada tipo de violência exige um tipo de abordagem, assim como diferentes encaminhamentos e critérios para sua superação.

Para combater uma cultura de violência tem que se falar de paz. Quanto mais se fala de violência mais se naturaliza a violência como parte do convívio social. Concordamos com Arendt quando afirma que a violência não é um fenômeno natural, mas pertence ao âmbito político dos negócios humanos. Por causa disso entendemos que se fazem necessárias atitudes que promovam uma cultura da não-violência, isto é, a busca de uma nova mentalidade, que determine o modo de pensar e de agir, chamando à solidariedade e à liberdade. Tudo deve ser feito para que todos possam viver sem medo. O ambiente escolar deve servir somente para a educação dos alunos, para a aquisição do conhecimento e cidadania.

A mudança social passa necessariamente pelo caminho da educação. Educação no sentido amplo, que não pode ficar somente nas mãos do estado. A direção das escolas deve levar isso em conta no Projeto Político Pedagógico e no planejamento geral, para que a segurança torne-se um eixo transversal de todo o processo de ensino. Essa realização não deve atingir somente os alunos, mas também os professores, funcionários e os familiares, tanto dos alunos como dos profissionais que atuam na escola, o que pode ser conseguido através da realização de diversos eventos extra-curriculares. Também deve ser realizada, pelo estado e pela sociedade organizada, de

campanhas educacionais de conscientização em relação aos principais problemas que geram insegurança pública, sejam locais, regionais ou nacionais, com o apoio dos meios de comunicação social e das instituições presentes na sociedade que são comprometidas com o bem social e com a educação.

Vale ressaltar que a violência na escola não está restrita aos jovens, ela acontece também entre professores, e com o próprio ambiente, sendo esses o alvo de revoltas lideradas pelos estudantes individualmente ou em grupos. Isso acontece, porque além de não concordarem com alguns métodos de ensino e disciplinares adotados por professores e pela escola, querem ser aceitos nas suas diferenças, incluindo o modismo a que estão sujeitos a todo momento.

A pesquisa realizada serve como forma de reflexão sobre o problema da violência no ambiente escolar e como essa influencia no processo de ensino e aprendizagem. Sendo um tema polêmico e preocupante para os diferentes segmentos sociais, deve ser amplamente discutido visando minimizar a gravidade dos fatos que levam a este tipo de violência.

Diante do que foi visto e da reflexão realizada, percebe-se que está no diálogo o maior meio de prevenir a violência no ambiente escolar, que deve acontecer em casa e na escola, grupos de ajuda e de conscientização do papel da família e da educação, é essa união que pode contribuir positivamente para a redução do problema, beneficiando toda a sociedade.

O crime e a violência são fenômenos sócio-políticos e não uma patologia a ser extirpada a qualquer custo. O seu enfrentamento há de ser feito em conjunto pelo poder público e pela sociedade civil. Um dos elementos principais que devem ser abordados com referência à segurança é a questão das políticas públicas. *Públicas* no sentido do atendimento dos anseios dos diferentes segmentos da sociedade, de modo a promover a inclusão social, e não políticas governamentais de cunho particularista, que respondam apenas aos interesses de setores com mais poder e voz. Segundo o Texto Base isto deverá ser feito da seguinte maneira:

- Prevenção Primária: destina-se a EVITAR o cometimento de crimes. Dirige-se a todos os cidadãos por meio de programas de prevenção. Volta-se principalmente para os jovens em situação de risco, articuladamente com a sociedade civil e as comunidades. Visa a aumentar o capital humano e social

das comunidades, a melhorar as condições de sociabilidade e do ambiente. Investe em valores positivos: família, escola, religião etc. Espera-se o envolvimento do poder público, das organizações da sociedade civil - em especial dos meios de comunicação -, das comunidades e dos cidadãos individualmente.

- Prevenção Secundária: destina-se a REPRIMIR, partindo do princípio de que a segurança primária falhou e precisa ser implementada ou melhorada. Atua onde os conflitos se manifestam concretamente. Tem a ver com a política legislativa, com a atuação do sistema penal como um todo [justiça criminal, ministério público, advogados criminais, subsistema prisional, advogados criminais), mas principalmente com a atuação da polícia, a qual deve atuar com profissionalismo, aplicando-se na utilização dos princípios da inteligência policial e da chamada polícia comunitária.

- Prevenção Terciária: destina-se a RECUPERAR. Atua junto aos reclusos e todos aqueles que, de alguma forma, foram colhidos pelo sistema penal, oferecendo-lhes oportunidades de recuperação e ressocialização, Compreende ações e programas sob a responsabilidade do poder público, mas também programas desenvolvidos pela sociedade civil. (Texto Base: 2009, p.65-66).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Por César Monteiro – Portuga - 08-05-2014 – SITE:

<http://www.dicionarioinformal.com.br/viol%C3%Aancia/>

SITE: http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf

Artigo: “Violência na escola e suas consequências” – Site:

<HTTP://JORNALGGN.COM.BR/BLOG/LUISNASSIF/VIOLENCIA-NA-ESCOLA-E-SUAS-CONSEQUENCIAS>

Idalgo ,Manoel de Oliveira. ARTIGO BULLYING ESCOLAR E EDUCAÇÃO.
UEL – Londrina

O aumento da violência escolar - O Estadão:

<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-aumento-da-violencia-escolar-imp-,1001569>. 26 Fevereiro 2013 | 02h 07. Acessado em 11 de Outubro de 2015 à 13:11HS..

PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online : Mais de 1000 cursos online com certificado: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/36867/a-violencia-nas-escolas-publicas#ixzz3nvgIA9fw>

Manhuacu.com/com informações do Correio Brasiliense

SITE MANHACU: Já acabou Jéssica? Adolescente de Alto Jequitibá fica famosa nas redes sociais:

http://www.manhuacu.com/artigo/ler/ja_acabou_jessica?_adolescente_de_alto_jequitiba_fica_famosa_nas_redes_sociais

SITE DIVIRTA-SE: http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/mexerico/2015/11/16/noticia_mexerico,174131/ja-acabou-jessica-briga-de-escola-transforma-adolescente-em-meme.shtml

SITE TECMUNDO: Já acabou! Jéssica e amiga fazem as pazes e encerram o ciclo do meme: <http://www.tecmundo.com.br/memes/89674-acabou-jessica-amiga-pazes-encerram-ciclo-meme.htm>

SANTOS, ALESSANDRA CARDOSO. VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: BREVE ANÁLISE DO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL PROF.^a EUFROSINA MIRANDA

HAUCK, KARINE COIMBRA SIMÕES. VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO SOBRE O TEMA.

Michel Foucault, O governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes,2010, p. 53-54

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. São Paulo: Graal, 1988. P.270.

RICOEUR, Paul. Violência e Linguagem. In: Em torno ao político. São Paulo, Loyola, 1995. P.60.

RICOEUR, Paul. Ética e Moral. In: Em torno ao político. São Paulo, Loyola, 1995. P.166.

FERRATER MORA, JOSE. Dicionário de Filosofia. Madrid: Allianza Editorial, 1982. p.3436.

ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.p.33-34.

Freud. Mal-estar na cultura. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XXI (quinto capítulo. 9º parágrafo). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.15-17, 79.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo. Ática, 2000, p. 432-433, 435, 442, 445.

PRADO JR, Bento. A força da voz e a violência das coisas. Prefácio de ensaio sobre a origem das línguas. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2003, p. 15-16.

Kant, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento. Trad. Luis Paulo Rouanet. Acesso: http://ensinarfilosofia.com.br/_pdfs/e_livros/47.pdf

A violência nas escolas públicas

Artigo por Cristiane Rodrigues de Oliveira Tomazett - segunda-feira, 4 de março de 2013

APENDICE

Questionário:

- 1- Como você vê a escola hoje?
- 2- O que você gostaria de modificar na escola hoje?
- 3- O que falta na escola hoje?
- 4- O que você mudaria no relacionamento entre alunos e professores?
- 5- Como você considera o relacionamento entre alunos e professores, ele é bom? Explique.
- 6- Você considera importante a participação da família nas atividades escolares?
- 7- Quais os fatores que promovem ou contribuem para a violência na escola?
- 8- O que falta na organização da administração da escola para que seja evitada a violência no relacionamento aluno-professor?
- 9- Você acredita que as crianças repetem o comportamento dos pais na escola?
- 10- Como você vê o relacionamento da escola com as famílias?

Questionário Respondido 1:

Maria Luiza de Paula – Coordenadora pedagógica da Escola Estadual Panamá, no bairro do Grajaú, na cidade do Rio de Janeiro.

1- Como você vê a escola hoje?

A escola possui um clima tranquilo, nosso dia-a-dia é pontuado com algumas adversidades. Há alguns casos isolados de violência, que precisam de interferência mais firme dos adultos.

2- O que você gostaria de modificar na escola hoje?

Estamos na contramão da sociedade. Os fatos/acontecimentos surgem de tal forma que a escola não os acompanha de forma eficiente. Hoje sinto falta da presença da família no espaço escolar. Se pudesse, faria com que todos os responsáveis participassem ativamente da vida escolar dos alunos.

3- O que falta na escola hoje?

A impunidade gera ações desconfortáveis, em alguns ambientes. Há muita permissividade. O aluno de hoje assiste a tudo sem restrições. Não há uma seleção. No passado, estudar significava “melhorar de vida”, para os mais pobres. Hoje, qual o significado de estudar?

4- O que você mudaria no relacionamento entre alunos e professores?

O diálogo deve prevalecer sempre. Não desistir nunca de incentivá-los. Quando falo em diálogo, cito também o professor. Este precisa estar atento e conhecer seu aluno, para entender os porquês de algumas atitudes. Aqui na escola a direção procura ouvir todas as partes e buscar soluções que primem pelo respeito mútuo.

5- Como você considera o relacionamento entre alunos e professores, ele é bom? Explique.

Formação de grupos afins. Há em alguns casos violência, verbal e física, acredito que seja reprodução da vivência em seus lares, e da falta de “pulso” de alguns pais.

6- Você considera importante a participação da família nas atividades escolares?

Geralmente os pais comparecem às reuniões e atendem os chamados da direção. Alguns casos isolados de pais que não comparecem (de alunos com problemas de comportamento e aprendizagem).

7- Quais os fatores que promovem ou contribuem para a violência na escola?

A violência na sociedade, a violência dentro de casa, nas comunidades. Os maus exemplos e principalmente a impunidade. Ex.: o que assistimos de nossos próprios governos; o que é veiculado.

8- O que falta na organização da administração da escola para que seja evitada a violência no relacionamento aluno-professor?

Devido a alguns episódios de violência no decorrer destes anos, decidimos fazer um projeto voltado para os valores. Em 2016, trabalharemos incansavelmente o amor, o respeito, a solidariedade, a paz entre outros aspectos dos valores perenes. Valores para a vida.

9- Você acredita que as crianças repetem o comportamento dos pais na escola?

A violência na sociedade, a violência dentro de casa, nas comunidades. Os maus exemplos e principalmente a impunidade. Ex.: o que assistimos de nossos próprios governos; o que é veiculado.

10-Como você vê o relacionamento da escola com as famílias?

De muito respeito e sempre buscando parcerias.

Questionário Respondido 2:

Nanci Luz Pimenta Baliulevicius – Professora de Educação Física na Escola Estadual Panamá, no bairro do Grajaú, na cidade do Rio de Janeiro.

1- Como você vê a escola hoje?

O ambiente educacional é extremamente complexo. As diferentes redes de ensino estão com concepções de educação bem diferentes. A particular preocupada com conteúdos e aprovações. A escola pública com assistencialismo.

2- O que você gostaria de modificar na escola hoje?

Muita coisa. A maioria relacionada à estrutura e funcionamento escolar e as relações pessoais.

3- O que falta na escola hoje?

A preocupação com a formação do cidadão de maneira integral.

4- O que você mudaria no relacionamento entre alunos e professores?

A disciplina tem que ser imposta pelo professor e isso me incomoda.

5- Como você considera o relacionamento entre alunos e professores, ele é bom? Explique.

Sim, ele é bom. O problema é que o aluno não tem valores como respeito e autoridade. Assim, primeiro é preciso que o aluno entenda esses valores para que as relações humanas possam ser de maior amizade e cumplicidade.

6- Você considera importante a participação da família nas atividades escolares?

Extremamente.

7- Quais os fatores que promovem ou contribuem para a violência na escola?

A escola é um reflexo da sociedade. Como esta é violenta, a escola também acaba reproduzindo este modelo. O diálogo na esfera social está escasso, por causa das redes sociais e também pelo excesso de trabalho. Isso prejudica as soluções de conflito pela fala e remete a agressão física e verbal.

8- O que falta na organização da administração da escola para que seja evitada a violência no relacionamento aluno–professor?

A falta de estrutura aumenta a ocorrência da violência no âmbito escolar. Turmas lotadas, falta de pessoal para acompanhamento dos alunos (desde inspetores até fonoaudiólogos, psicólogos).

Acredito também que a impunidade com os pequenos atos acabe gerando conflitos maiores.

9- Você acredita que as crianças repetem o comportamento dos pais na escola?

Sempre. São seus maiores exemplos.

10- Como você vê o relacionamento da escola com as famílias?

Distante. A escola tem poucas estratégias para adesão das famílias no contexto educacional. Na verdade, há um desinteresse de ambas as partes.